

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 7 | Nº 21 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5525246>



NOSSA VOZ, NOSSA LUTA: A MÚSICA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA E LIBERTAÇÃO PARA A COMUNIDADE LGBTQIA+

Bruna dos Santos Cardoso¹

Resumo

Este ensaio trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter narrativo, qualitativo e exploratório, tendo como intuito a elucidação da potência da arte musical enquanto ferramenta social para a comunidade LGBTQIA+. Na coleta de dados foram utilizados ao todo 16 obras para a composição deste estudo, utilizando-se as bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Fronteiras-Estudos Midiáticos, Revista UFG, Repositório Institucional UFBA, Portal de Periódicos Científicos UFRGS e Dialnet. A partir da análise dos resultados, pode-se concluir que há uma forte dinâmica relacional entre as produções de subjetividade que reverberam no coletivo, ocasionando a visibilização de alteridades e potências narrativas para mudanças socioculturais.

Palavras chave: Ferramenta Social; LGBTQIA+; Música.

Abstract

This essay is a literature review of a narrative, qualitative and exploratory nature, aiming to elucidate the power of musical art as a social tool for the LGBTQIA+ community. In the data collection, a total of 16 works were used to compose this study, using the following databases: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Frontiers-Media Studies, UFG Magazine, UFBA Institutional Repository, UFRGS Scientific Journal Portal and Dialnet. From the analysis of the results, it can be concluded that there is a strong relational dynamic between the productions of subjectivity that reverberate in the collective, causing the visibility of otherness and narrative powers for sociocultural changes.

Keywords: LGBTQIA+; Music; Social Tool.

INTRODUÇÃO

Duzentos e trinta e sete. Este foi o quantitativo de vidas de sujeitos LGBTQIA+ findadas apenas no ano de 2020, segundo o último relatório publicado do Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil (GASTALDI *et al.*, 2021), o qual é realizado pela parceria entre o Acontece Arte e Política LGBTI+ e o Grupo Gay da Bahia (GGB). O real, cruel e incontestável genocídio dessa população em território nacional é o epílogo sequenciado de existências vividas em meio a múltiplas violências cotidianas presentes nas diversas esferas sociopolíticas.

Ao longo dos anos, é percebido que apesar dos crescentes movimentos sociais, dos debates propostos, das inúmeras tentativas de conscientização e educação popular, das ressignificações culturais, desconstruções ideológicas e da constante luta pela garantia de direitos para a comunidade LGBTQIA+,

¹ Psicóloga pela Universidade Salvador (UNIFACS) e pós-graduanda em Direitos Humanos e Questão Social pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Email para contato: brunadscardoso1@gmail.com



ainda persistem dados elevados quanto às violências sofridas por este público. O Disque 100, por exemplo, cujo serviço é o de analisar e encaminhar denúncias de violações de direitos humanos aqui no Brasil, retratou que entre os anos de 2011 e 2017 houve 12.477 atendimentos voltados para o relato de violações cometidas contra lésbicas, gays, *queer*, bissexuais, pansexuais, intersexo, travestis, transexuais e ademais. Vale salientar que esses números não representam a totalidade de casos de violências sofridas pela respectiva população, pois é sabido que há uma subnotificação desses casos de caráter LGBTQIA+fóbico.

De acordo com a autora Sonia Koehler (2013), os “novos sujeitos de direitos reivindicam sua forma de SER, que não podem ser designados como universais se partimos da ideia de que a composição humana se faz pela diversidade”. Portanto, para que a negação do livre exercício da cidadania para este segmento da sociedade ser extinta e, dessa forma, abrir espaço para uma reestruturação social onde seja possível o reconhecimento e a efetivação da igualdade de direitos dos indivíduos dentro de suas idiossincrasias é necessário o rompimento do binarismo feminino/masculino.

Para isso, Carvalho e Lisboa Filho (2019) propõem que haja movimentos de contracultura, os quais foram mais conhecidos entre as décadas de 1950 e 1960. O intuito da contracultura era o de promover ações de mudanças socioculturais, amplificando os limites da estética e das visões socialmente aceitas (GOFFMAN; JOY, 2007), contestando valores morais da sociedade da época, denunciando condições desumanas de exclusão social e impulsionando (r)evoluções de maneiras variadas, como, por exemplo, através das vestimentas, do corte de cabelo, do estilo de vida e de consumo e, principalmente, por meio das artes.

Os seres humanos elaboram as manifestações artísticas, segundo Fischer (1987), a partir de uma necessidade coletiva como forma de dialogar com o meio em que vive adquirindo, dessa forma, representações sociais; para ele “a arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo”. Corroborando com estes pensamentos atemporais, Ledur (2005) retrata que “o autor da obra é portador da visão artística e do ato criador e ocupa uma posição significativa e responsável” dentro da sociedade, isto é, o artista possui enquanto ator social um compromisso diante de sua cultura – e também das demais, devido à globalização – de desenvolver arte com significados sociais de grande relevância para a conjuntura a qual ele está inserido.

Outra autora que discorre acerca da arte e sua função social é a Ana Mae Barbosa (1998), quando discorre que “a arte não é apenas uma consequência de modificações culturais, porém o instrumento provocador de tais modificações”. Destarte, com estes conteúdos levantados é possível inferir que as artes influenciam diretamente no modo de ver e pensar do homem sobre o mundo e que, além disso, elas



obtem um valor que transborda o aspecto estético, elas são possuidoras de valor representativo e narrativo.

Uma das artes mais populares e consumidas em todo o mundo, senão a mais, é a música e foi por meio dela que a contracultura nas décadas 50 e 60 se difundiu e se tornou visível alcançando públicos distintos com total potência em escala global (RIBAS, 2016). Nas letras das músicas era possível encontrar desabafos e aclamações por liberdade, além de denúncias sociais relevantes, como na época da ditadura militar aqui no Brasil, com o movimento conhecido como Tropicalismo, cujo intuito era de relatar as vivências em tempos de opressão, tortura e morte.

Dessa forma, faz-se possível perceber que a música foi e ainda é uma aliada importante para segmentos sociais marginalizados, oprimidos, silenciados, docilizados e matáveis como no caso da população LGBTQIA+ [Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais e demais espectros da sexualidade humana e sua forma de se identificar] (GUERRA, 2020). A contemporaneidade por meio de muita luta, resistência e derramamento de sangue trouxe consigo avanços socioculturais que permitem, mesmo que ainda em números proporcionalmente pequenos, artistas da comunidade em pauta serem vistos, representativos, serem símbolo de esperança e de terem suas narrativas contadas e cantadas por todo o mundo.

O presente estudo propõe a problematização do quanto há de potência na arte musical enquanto ferramenta de mudança social para a população LGBTQIA+, pois a mesma serve para denunciar em larga escala para diversos segmentos sociais e diferentes culturas as violências vivenciadas por esta parcela da sociedade. Para além disto posto, este ensaio se tece com grande importância devido à ausência de conteúdo no âmbito acadêmico sobre a temática proposta. Portanto, seu objetivo principal é o de averiguar o impacto que a arte musical possui na população LGBTQIA+, tendo como objetivos específicos os seguintes: 1) Analisar as relações do ser humano com a arte da música; 2) Pesquisar de forma aprofundada representantes da comunidade LGBTQIA+ que estão inseridos no ramo musical; e 3) Identificar a relevância social e as mudanças ocasionadas pela representatividade e visibilidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O estudo configura-se como uma revisão bibliográfica de caráter narrativo, qualitativo e exploratório cuja finalidade é direcionada para a compreensão da relevância artística e cultural da música enquanto ferramenta social para a comunidade LGBTQIA+. Segundo Gil (2008), o delineamento de pesquisa citado se particulariza pelo texto científico ser desenvolvido exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Diante disso, ele acredita que este modelo permite ao pesquisador a



obtenção de uma maior escala de fenômenos analisáveis e relacionáveis com o principal objeto de estudo do que se optasse por investigá-lo diretamente.

O presente ensaio possibilitou a aproximação e elucidação da temática, de forma a descrever como se tece a compreensão da arte musical, sua função social e a percepção de como esta reverbera e transforma de modo ético-estético-político as camadas da sociedade. Para isso, foi realizada a coleta de dados no período de 19 de abril a 20 de maio de 2021, utilizando-se para a pesquisa as bases de dados *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO), Fronteiras-Estudos Midiáticos, Revista UFG, Repositório Institucional UFBA, Portal de Periódicos Científicos UFRGS e Dialnet.

A quantidade total de obras selecionadas para a composição deste respectivo estudo foi de 16, as quais foram escolhidas por critérios de inclusão descritos a seguir: 1) ano de publicação das obras que retratam a comunidade LGBTQIA+, cujo período previamente estabelecido foi de textos publicados a partir de 2013, sendo este critério livre para as obras que relatam sobre arte; 2) descritores, que são as palavras-chave retratadas no item RESUMO do estudo; e 3) idioma das obras, sendo utilizado o idioma Português como limitador da pesquisa.

Para tratamento e avaliação dos dados obtidos através das bibliografias selecionadas foi utilizado como aporte teórico a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (1977), cuja técnica descreve e interpreta dados de comunicação verbal e não verbal, dessa forma, analisa também as representações dos conteúdos emergidos. Este método possui um caráter social expressivo, pois, segundo o autor supracitado, ele produz inferências e é uma interpretação pessoal realizada por parte do investigador do objeto de estudo.

A MÚSICA COMO FERRAMENTA SOCIAL

Os sujeitos humanos são possuidores de um importante instrumento técnico expressivo social, cuja função está presente na existência humana desde os primórdios. A manifestação artística é um meio em que nós, indivíduos pensantes, encontramos de espelhar por meio de símbolos o nosso meio social e também de compreender nossa própria natureza (BOURO, 2000; BIESDORF; WANDSCHEER, 2011). Todas as manifestações artísticas expressam e dão voz a algo ou alguém, segundo Fisher (1987), que diz respeito as dinâmicas relacionais homem-natureza-sociedade.

Como já retratado anteriormente, a que antes ocupava o lugar da quarta arte, se formos pela perspectiva do Manifesto das Sete Artes proposta por Ricciotto Canudo em 1912, e que hoje se estabelece em primeira posição devido a sua relevância cultural, a música é a arte que atua de forma mais global e sensível a todos, a qual não é barrada nem pela própria necessidade da decodificação da



linguagem. A difusão da música em escala mundial se dá pelo processo intenso da globalização, tendo, nesse ponto de vista, um aspecto muito positivo de explicar informações por todo o planeta de forma rápida e acessível para boa parte das populações.

A arte musical não é mais vista apenas como um entretenimento desde os movimentos de contracultura nos anos de 1950 e 1960, passando “a exercer a função de veículo de informações, capaz de transformar e contribuir no processo de informação e conhecimento dos indivíduos” (BARROS, 2016). Pode e deve ser considerada como um dos movimentos de contracultura contemporâneos, pois ela ajuda a romper “hábitos da cultura dominante, realizando-se uma espécie de ‘crítica selvagem’ a esta mesma cultura e sociedade” (PEREIRA, 1986) seja ela qual for. A música, então, é uma ferramenta social e política que reverbera reflexões, (r)evoluções e mudanças significativas na sociedade. Esta ferramenta comunica. Visibiliza. Representa. Legitima narrativas. Denuncia mazelas sociais.

De acordo com Neves (2016), o ato de comunicar pode ser representado pelo ato de afetar sujeitos e também de ser afetado, colocando-nos em uma situação processual de eterna interação. A arte musical comunica através de sonoridades que em muitas das composições acolhem e representam lutas por reconhecimento e visibilidade de setores marginalizados e violentados pela sociedade civil e pelo governo, cuja atuação para determinadas camadas sociais está mais direcionada para a execução de desserviços do que de serviços que atendam e garantam de fato o pleno exercício da cidadania dessas populações, assim como no caso dos LGBTQIA+. Então, mediante a performances artísticas musicais, campos de ação política, social e de resistência associadas a expressões divergentes de gênero e sexualidade, a arte e cultura da comunidade LGBTQIA+ estão ganhando relevância no território brasileiro (ROCHA *et al.*, 2020).

É de fundamental importância que o cenário artístico desta população em questão continue conquistando espaço para que este se solidifique enquanto atuação profissional, enquanto local de expressão pessoal, enquanto lembrete de existências humanas vividas de formas distintas e enquanto movimento difusor de denúncias sociais acerca das violências sofridas pela comunidade. Este cenário possibilita “repensar discursos da diferença e a compreender as variadas estratégias de valorização de grupos minoritários de gêneros, sexos e sexualidades na agenda midiática, cultural e política da atualidade” (ROCHA *et al.*, 2020), concebendo estas minorias como “um lugar onde se produz um fluxo de discursos e ações com o objetivo de transformar um determinado ordenamento fixado no nível de instituição” (SODRÉ, 2005 *apud* ROCHA *et al.*, 2020).

Isto quer dizer que a arte, a música está sob uma relação de poder privilegiada que ao mesmo tempo que exerce função de romper barreiras, ela também abre lacunas para novos diálogos, nossas possibilidades de ser e existir, novas afecções, novos lugares no mundo, novas histórias contadas pela



perspectiva de quem tem propriedade para falar sobre o assunto. A exemplo disto, temos hoje no cenário musical brasileiro artistas como Pabllo Vittar, Gloria Groove, Linn da Quebrada, Liniker, Mulher Pepita, Johnny Hooker, Majur, Ana Gabriela, Quebrada Queer, Jaloo, Jão, Rico Dalasam, Candy Mel e tantos outros que perpetuam e eternizam narrativas de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais binários e não binários, gênero fluído, pansexuais, *queer* e todas as outras formas possíveis de ser humano e se reconhecer no mundo que a comunidade LGBTQIA+ abraça em sua causa.

As composições destes cantores trazem consigo fortes relatos das mais diversas situações vivenciadas pelos mesmos. Quando Majur juntamente com Pabllo Vittar cantam os versos descritos a seguir da música denominada AmarElo, elas não estão clamando narrativas pessoais apenas, porém, sim, narrativas coletivas e compartilhadas de dor, medo e invisibilidade; mas também de resistência diante de uma instituição perversa que é a sociedade:

Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes
Que nem devia 'tá' aqui
Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
Alvos passeando por aí
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
É roubar um pouco de bom que vivi
Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
É dar o troféu 'pro' nosso algoz e fazer 'nóiz' sumir
(DJ Du; Emicida, Felipe Vassão, 2019).

A Quebrada Queer é um grupo musical de extremo impacto, pois é composto por corpos falantes e potentes que incomodam com suas performances existenciais, incomodam porque são corpos “bastardos, gestados por diversas e indeterminadas lógicas de produção e estratégias de visibilidade, e protagonistas de outras ordens do sensível, implicando em formas não convencionais de afecção ao se oferecerem de forma voluptuosa ao consumo” (ROCHA *et al.*, 2020). Este grupo denuncia o preconceito para com a comunidade LGBTQIA+ e também enaltece, empodera e legitima suas próprias existências. Abaixo estão versos da música que possui o mesmo nome que o grupo de modo ratificar o falado anteriormente:

'Nóis tá' aqui por cada bicha com a vida interrompida
Por causa de homofobia, ódio e intolerância
Resistimos no dia a dia
'Pra' poder chegar o dia que prevaleça respeito, igualdade e esperança [...]
'Vamo' assistir você ouvindo a nossa realidade
Tirando nossas capas de invisibilidade
'As mona unidas pro' combate e olha no que deu



Se quer verso com massagem, pare de socar os meus
(Guilherme da Silva, Harley Ferreira, Lucas Fidelis, Marcelo da Silva, Murillo da Silva, 2018).

Estas composições supracitadas são exemplos de que a arte musical tem uma grande potência para representar segmentos sociais violentados, pois comunicar através da música também é um ato político necessário para a construção de novos mundos possíveis, adequados e respeitosos para todos os sujeitos. As representações simbólicas que figuras públicas têm desprendem de grande valia para a população a qual elas pertencem. A comunidade LGBTQIA+ têm gozado destas representações, dessas vozes antes caladas, mas agora gritantes, e das legitimações diversas que os conteúdos musicais têm proporcionado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo foi apresentado perspectiva acerca da música sendo articulada como um possível movimento de contracultura nos tempos contemporâneos, de forma que esta atua como ferramenta social para a comunidade LGBTQIA+ em prol das denúncias sobre as violações de direitos humanos que esta população sofre. Foi percebido uma forte dinâmica relacional entre as produções de subjetividade que reverberam no coletivo, ocasionando a visibilização de alteridades e potências narrativas para mudanças socioculturais.

O conteúdo deste ensaio é resultante das inferências realizadas por meio dos afetos, efeitos e inscrições de marcas que os agenciamentos ocorridos por meio da música que deixam nos sujeitos que se reconhecem enquanto comunidade LGBTQIA+. Sendo assim, é possível refletir acerca da ética-estética-política que emerge diante das variadas questões as quais permeiam a população em pauta.

Quanto a dimensão ética podemos tratar sobre o reconhecimento da provocação que causa ao relatar as violações de direitos humanos, refletindo-se sobre a falta do livre exercício da cidadania nos diferentes níveis de espaços para alguns sujeitos. Já com na dimensão estética, é possível falar sobre os novos modos de produzir arte, que está ultrapassando a estética somente pela estética e caminhando para trajetórias com maiores significantes e símbolos sociais. Por último, a dimensão política a qual fica evidente apenas ao dizer que todo sujeito é político e todo ato tem sua conotação política, e tratando de arte que comunica mazelas sociais fica ainda mais explícito que a política está na mudança de perspectiva e nas reflexões que a mesma causa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: Com Arte, 1998.



BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Valena de Jesus. **A música como fonte de comunicação e expressão do contexto social dos seres humanos** (Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Biblioteconomia). Belém: UFPA, 2016.

BIESDORF, Rosane Kloh; WANDSCHEER, Marli Ferreira. “Arte, uma necessidade humana: função social e educativa”. **Itinerarius Reflectionis: Revista Eletrônica do curso de pedagogia do campus Jataí-UFG-Goiás**, vol. 7, n. 1, 2011.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Disque 100**. Disponível em: <<https://www.mdh.gov.br/informacao-ao-cidadao/disque-100>>. Acessado em: 10/05/2021.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

CARVALHO, Luciomar de; LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. “Representações LGBTQIA+ e estudos culturais: invisibilidades da diversidade de gênero em audiovisuais publicitários de moda”. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação Em Saúde**, vol. 13, n. 3, 2019.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

GASTALDI, Alexandre Bogas Fraga *et al.* (orgs.). **Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil – 2020: Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia**. Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

GUERRA, Wesley Sa Teles. “Orgulho e preconceito dentro da comunidade LGBTQIA+”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 7, 2020.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. “Homofobia, cultura e violências: a desinformação social”. **Interacções**, vol. 9, n. 26, 2013.

LEDUR, Rejane Reckziegel. **Professores de Arte e Arte Contemporânea: contextos de produção de sentido** (Dissertação de Mestrado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2005.

NEVES, Thiago Tavares das. **Coração sonoro-afetos, corpos e máquinas nas festas de música eletrônica** (Tese de Doutorado em Ciências Sociais). Natal: UFRN, 2016.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

RIBAS, Rafael Malvar *et al.* **Contracultura musical brasileira: movimentos e particularidades** (Dissertação de Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura). São Paulo: UPM, 2016.

ROCHA, Rose Melo *et al.* “Comunicação e estudos de gênero: políticas de audiovisibilidade e narrativas midiáticas”. **Fronteiras-estudos midiáticos**, vol. 22, n. 2, 2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 7 | Nº 21 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima